



O Gaiato

PORTE PAGO

Quinzenário * 2 de Fevereiro de 1985 * Ano XLI — N.º 1067 — Preço 10\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

O NOSSO JORNAL

■ É verdade que O GAIATO é portador de inquietação para os seus leitores. Mas também instrumento de muito consolo, quer para nós, os de dentro, quer para os mesmos que se inquietam e se não-degozillar ao constatarem que não estão sózinhos, pois são muitos os que se deixam ferir pela denúncia de um sofrimento injusto e fazem dessa ferida transfusão de sangue que dá alento novo às vítimas da incúria institucionalizada.

Assim aconteceu, mais uma vez, a respeito daquele casal doente aqui referido antes do Natal, ambos arrimo um do outro, sem que qualquer deles tenha força para singrar só por si. Mal a notícia safu, logo um telegrama nos trouxe o alvoroço de alguém que se propunha ajudar enquanto a situação procurada junto das instâncias oficiais não tivesse resposta condigna. E depois, o correio foi-nos chegando outras mensagens semelhantes, todas elas demonstrativas de que o dever tão humano e tão cristão de «rir com quem ri, chorar com quem chora», de partilhar bens com os que padecem da sua falta, não está ausente da consciência de muitas pessoas, de muitas mais do que nos fará supor o noticiário de violências, de paixões, de egoísmos que fazem as manchetes e enchem as colunas da grande imprensa, para não falar dessa imprensa menor, sensacionalista, pestifenta, especializada em crimes, escândalos, aberrações de toda a ordem, que por aí prolifera e impregna de teor sado-masoquista a comunicação social.

Todos os males são fruto dos desvarios dos homens. Têm cura se o homem se arrepender e arrear caminho. E esta vontade salutar cresce, exercitando-se. O GAIATO é um caderno de exercícios desta espécie. Os seus leitores determinam-se a partir de dores reais que magoam irmãos nossos e o jornalzinho leva ao seu conhecimento; e estimulam-se uns aos outros pelo seu comportamento. É uma santa emulação. Não faz melhor quem tem mais, mas quem tem maior inteligência do valor incomparável e insubstituível da comunhão entre os homens e lhe abre o coração.

Por isso Jesus canoniza o «Óbulo da Viúva». Deu pouquinho... — aos olhos dos homens. «Foi a que deu mais»... — no critério novo de valorização dos actos humanos que o Evangelho estabelece.

Vale mais o coração do que a carteira. Felizes, pois, os que têm um grande coração e o deixam rasgar, à imitação do Mestre Crucificado, para que os outros possam entrar e sair como em casa sua, à procura de conforto e paz.

Olhai, à maneira de ilustração, esta carta de hoje:

«Isto é o pouco do meu número de assinante. Não posso mandar mais, pois vivo com a pequena reforma do meu marido, eu, minha filha e marido doente e os remédios de todos os dias. Minha filha agora em casa, sem emprego. Enfim, Deus é Pai. Ele sabe o que precisamos. Por isso estou fiada em Deus que há-de ajudar a todos, pois somos filhos d'Ele! Que este ano de 1985 seja melhor para os Pobres.»

Quantos problemas próprios a carta menciona e com que singeleza! Não há um lamento; antes um grito de confiança e um voto universal: «Que este ano seja melhor para os Pobres»... Feliz!

O GALATO é este ponto de encontro; é um lugar de Esperança.

Aos que se afligiram com o sofrimento do casal de que nos

Cont. na 4.ª pág.



Ele cuida dos frangos — como quem brinca. Nas Casas do Gaiato o trabalho é rei, factor de mudança do «Lixo das ruas». Mais: se em todas as nossas Casas «a natureza morta deleita, que dizer da viva? E que dizer da própria vida? Vida ab intus!» — exclama Pai Américo.

AQUI LISBOA!

«Como é difícil recuperar almas tocadas da miséria! Difícil formar a pessoa! Difícil construir o que o mundo destrói!»

A venda de O GAIATO nas ruas ou às portas dos templos sempre constituiu um problema grave no âmbito das nossas múltiplas preocupações. Temos hesitado se a devemos ou não suprimir, mais pelo interesse e

pelo carinho dispensados pelos nossos Amigos aos pequenos Vendedores, do que pelos valores materiais em jogo, aliás, não desprezíveis.

Já há cerca de dois anos que nestas colunas anunciámos a supressão da venda nas ruas de Lisboa e nas várias companhias ou empresas. Chegou a altura de avisar os nossos Amigos que O GAIATO deixa-

rá de ser oferecido às portas dos templos da Capital, dentro de um ou dois meses. Por tal motivo aconselhamos as pessoas a fazerem-se assinantes e a remeterem pelos próprios Vendedores os seus nomes e direcções.

É certo que o encontro dos Rapazes com os Leitores representou sempre ocasião única para um convívio salutar, momento ímpar e desejado por todos, mau grado, permita-se-nos a sinceridade, lugar para certos excessos, com o coração a atraiçoar a inteligência, com dádivas e atitudes à revelia dos responsáveis pela educação dos Rapazes. Isto para não falar na confiança ilimitada depositada nos pequenos, que se regista com gratidão, mas que, não raro, deu ocasião a evidentes e naturais tentações.

Disse Pai Américo que as nossas Casas são a «seara imensa do trigo e do jolo» e que os Rapazes «vêm de um meio onde os valores andam invertidos». Mais: «A rua, principalmente nas grandes cidades, por ser escola prática dos vícios, imprin-

Cont. na 3.ª pág.

Cont. na 3.ª pág.

SETÚBAL

Lançar apelos ao Mundo em favor dos Pobres, é tirar a prova real de que o Reino de Deus está no meio dos homens. Pequeno sim, mas forte e vigoroso. No coração daqueles que se abrem à Sua força.

Eram grandes e muitas as nossas dívidas em fins de Novembro. Hoje temos tudo pago, e algum dinheiro para continuar. Foi Natal. Foi o Senhor que passou!

O estímulo atingiu-nos, não

somente pelas quantias aqui chegadas mas também pela qualidade delas.

Aí vai amostra de uma amiga de há anos:

«Como há já alguns anos ofereço o meu subsídio de Natal, em acção de graças por continuar no meu emprego apesar de grandes calúnias que me foram levantadas há anos — e que o Pai do Céu fez que se esclarecessem.

O subsídio de Natal é como

que o prémio do meu ano de trabalho, acho que esse prémio não me pertence.

É com amor e carinho que o dou para essa santa Casa, para que, assim, eu também possa colaborar e ajudar tão bela e nobre missão de dar algo de mim aos mais pequeninos e necessitados.

Com um grande abraço de feliz Santo Natal na companhia e alegria de Jesus Menino.»

Os sentimentos desta Mulher resumem o sentir quase geral de quantos, de toda a parte, responderam ao meu apelo.

Aí vai nota deles. Eu fico de

PELAS CASAS DO GAIATO

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

CONTAS DE 1984 — Cumprimos o sagrado dever de prestar contas da acção da nossa Conferência do Santíssimo Nome de Jesus no ano da graça de 1984.

Para além de tudo o mais, é uma hora de acção de graças pelos Leitores d'O GAIATO. Religiosamente, abriram a alma, o coração e, sem pingos de cera, com discreção, partilharam — tão generosamente! — nos arraiais da Miséria, por nossas mãos, imbuídos no Mandamento Novo.

Durante o ano, enviaram, por intermédio d'O GAIATO, 1.092.680\$00. Quantos Óbulos da Viúva nessa longa procissão! Recebemos, doutras proveniências, 1.147\$00.

No outro prato da balança, distribuímos 631.322\$50 em *auxílios domiciliários*. Lares que seriam famintos, têm hoje o pão de cada dia — a maior carência de todos, pelos desercos do País que somos. Privilegiamos as famílias onde impera a Orfandade, as Viúvas que sofrem carências tremendas para criar os filhos, pois o que dá a Segurança Social é só para *entreter*, mal chega para um naco de broa — cujo preço aumenta, periódicamente, sem igual contrapartida de benefícios! Não falando de outros casos específicos — que temos revelado — em que procuramos que as pessoas mantenham um mínimo de dignidade, integradas no meio; e, por isso, não se dê fé da nossa presença. Tantas mãos erguidas para Deus!

Noutra pequena despesa aplicámos 150\$00. E, como é habitual, uma percentagem da receita seguiu para o Conselho Central do Porto da Sociedade de S. Vicente de Paulo: 36.585\$00.

Aliviámos a bolsa dos Pobres na farmácia: 24.096\$00. Alguns não prescindem de remédios para sobreviver.

Por fim, a maior fatia foi investida no sector da Habitação — 362.127\$50: Aluguer duma moradia, 12.000\$00; reparações em duas casas do Património do Pobres, 56.667\$50, e electrificação de mais cinco, 55.960\$00; para 17 Autoconstrutores, 237.500\$00. Tanto Bem espalharam os leitores d'O GAIATO, por nossas mãos, nos domínios da Habitação! Quantas lágrimas enxutas com *pequenos auxílios* de uma rendibilidade espantosa!

Na totalidade — e como é óbvio — repartimos, pelos Pobres, 1.054.281\$. A Força do Amor de Deus produz maravilhas! Demos mais graças ao Senhor.

PARTILHA — Rua de Timor, Lisboa, «um cheque de cinco mil escudos para minorar tantos males que os Pobres sofrem». Outro, de mil, pela mão do assinante 11040 — também da Capital — «para juntar a outras migalhas que possam minorar as muitas necessidades dos muitos que de nós precisam». Assinante 20576, de Nelas, remanescente de contas com O GAIATO «para aplicarem onde for mais necessário».

Hoje, um vicentino aparece, aflito: — F. prepara a trouxa para um lar

da terceira idade. Precisa, agora, de dez contos para arrumar vidas... É mais um problema que resolvemos...

A ânsia incontida do recoveiro dos Pobres pelo bem dos Outros, corresponderam logo os nossos Amigos — leitores d'O GAIATO. A *comunhão dos santos!*

«Uma pequena contribuição» da assinante 22030, do Porto. Assinante 31881, da Vila do Espinhal, cinco mil e um testemunho cristão d'amor aos Outros: «É pouco, mas é o que posso dispor de momento. Com ele sei do meu coração o desejo de que alcancem tudo o que precisarem — em benefício dos Pobres».

Rua Luiz Woodhouse, Porto, 1.000\$00 de boa Amiga que aparece muitas vezes. Assinante 13305, de Vila Nova de Gaia, outros mil «para depositarem na minha conta a «prazo» — através do Pobre mais necessitado, de tantos que conhecem». Oh beleza!...

Assinante 6205, de Goães (Braga), 600\$00. Aquela Empregada doméstica dos lados de Trancoso — que serviu a patroa até ao fim da vida — nunca deixa de marcar presença! Diz: «Leio sempre o meu querido jornal O GAIATO à noite porque durante o dia não tenho tempo, ando sempre a trabalhar».

Alberto e Celeste deixaram no Espelho da Moda, Porto, um sobrecrito muito discreto com quatro contos. Uma carta muito rica, da assinante 31104 — da Capital:

«Conforme intenção que é muito dentro da minha alma, irei remetendo a pensão que recebo por morte de

um ente querido. Na minha sensibilidade julgo que é o melhor que poderei fazer por sua alma, pois não consigo rezar — senão dando a quem precisa. Deus me julgará como entender.

Envio mais 5.461\$00 que me foram lançados a mais no Imposto Complementar. Reclamei, hesitaram e acabaram por me dar razão. Fui indemnizada. E nas vossas mãos deponho esta importância que eu quase julgava perdida. Não foi! Mas duplamente ganha ao seguir para aí e para que sirva, no seu pouco, de remédio a alguém que sofre.»

Mas ele haverá no Mundo melhor Oração!?

Como os últimos são os primeiros, aqui temos — para a Cancerosa — um cheque de mil do assinante 28049, de Braga.

Agradecemos tudo em nome dos Pobres. E retribuimos os votos de santo Ano Novo que muitos Amigos nos expressaram.

Júlio Mendes

Paço de Sousa

CASAMENTO — Houve mais um casamento no dia 6 de Janeiro: o Humberto e a Maria Manuela.

Todos os rapazes prepararam as coisas essenciais, em toda a nossa Aldeia, do refeitório à nossa linda Capela, ainda enfeitada com o presépio — porque era dia de Reis.

A cerimónia foi ao meio-dia, com Missa concelebrada pelos nossos Padres. A homilia, o Padre Manuel António falou sobre o Sacramento do Matrimónio e os deveres dos esposos.

Depois, o almoço de festa, em que todos nos sentimos felizes.

BANDA DO CIDADÃO — Após o casamento do Humberto tivemos em nossa Aldeia um numeroso grupo da Banda do Cidadão, que resolveu associar-se às comemorações do 45.º aniversário da Obra da Rua, incitando os *macanudos* a serem leitores d'O GAIATO.

Durante uma sessão de convívio os responsáveis pela visita entregaram diplomas a todos os intervenientes nos *contestes*. E foram algumas dezenas. Representaram um número de palhaços e foram durante a sessão bem aplaudidos pelos gaiatos presentes. Não só gaiatos, mas também gente de fora. Gostaram, com certeza! Olhei para a cara deles e vi a alegria que sentiram.

O nosso grupo musical colaborou, também, com vários números musicais. E o Padre Abel, no fim, disse o que é a Casa do Gaiato, a Obra da Rua, e a razão da sua existência.

Muitos deles trouxeram ofertas, que agradecemos. E voltam quando acharem por bem. Nós somos a Porta Aberta.

Manuel Augusto («Chinês»)

Tojal

«Não me atravesso na porta para ganhar castelos» — Pai Américo (Pão dos Pobres IV - 59)

No dia 4 de Janeiro a nossa Casa celebrou 37 anos como Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes, de assistência permanente e de orientação.

Recebemos vários sinais exteriores: telefonemas, cartas dos jornais e da rádio... solicitando duas ou três palavras... Aos microfones da Rádio Renascença, o nosso Padre Luiz recordou às pessoas os múltiplos problemas da Obra da Rua: a falta de sacerdotes, senhoras, colaboradores; enfim, e de rapazes que se dêem totalmente ao serviço dos mais desprotegidos, dos seus irmãos... Porque não ficam mais, dos mais velhos, para ajudarem os mais novos?

Vários são os testemunhos de vida ao longo destes 37 anos — sustentáculos vivos da nossa Obra: A dedicação que nos é oferecida pelas Senhoras e pelos Padres — carregando grandes responsabilidades e suportando quantos problemas!...

São 37 anos de tristeza e alegria que o tempo não apaga:

O Padre Adriano, já falecido, primeiro elo da cadeia, continuada depois pelo Padre Baptista, logo seguida do querido Padre José Maria, hoje em terras do Brasil; depois, com um «fogos» de vinte e dois anos, o Padre Luiz; e não esquecemos os Padres Abraão e Abel. As senhoras que se desprenderam de si próprias!: D. Luísa e D. Virgínia falecidas ao serviço da Casa. Corpos franzinos, saúde débil, pobres de letras, mas de corações grandes e sábios nos segredos do amor prático e leal, disponíveis anos a fio na amizade e no viver partilhado com todos... Lembramo-nos quando elas se levantavam à meia-noite para pôr os pequeninos a fazer «chichis», e logo às 4 para dar o xarope ao doente e às seis já estavam de pé a fazer o café da «malta»! Não esquecemos outros que Deus chamou debaixo do nosso tecto: os gaiatos falecidos... E o nosso sr. António que, quando novo, foi lançado na «Roda» e depois abandonado pela sociedade. Encontrou-se aqui conosco e ficou, para sempre, um símbolo da simplicidade sofridora. Deus-nos muitos dos seus jardins!...

Trinta e sete anos de muito mais que o volume dos edifícios e cuidados materiais, sempre necessários e mesmo indispensáveis; esse mundo interior feito de Esperança sempre renovada, de cada vez que o coração se volta para um esforço de recordação descobrindo cada dia mais claramente a sua consciência.

José Manuel dos Anjos Nunes



Cláudia, Luís e Maisa — filhos do Casal Vieira e Rosa, de Benguela.

37 ANOS DA CASA DO GAIATO DE LISBOA

Quando vim para a Casa do Gaiato tudo me era estranho... Acarinhado pelas senhoras e senhores — muito diferente daquela donde vim, que já não era a dos meus pais.

Os anos foram passando e as coisas mudaram. Continuo a pensar no que há-de ser a Casa do Gaiato para mim quando tiver mais idade. A ela devo toda a minha capacidade de gratidão. Tenho 10 anos de Casa e vou continuar nela, se Deus quiser, a preparar o meu dia de amanhã.

A Obra da Rua, apesar dos anos que tem, continua a cumprir o seu dever. Pois que Deus nos ajude a colaborar. Trinta e sete anos tem a Casa do Gaiato de Lisboa. Até aqui muito fez ao serviço dos mais pobres.

Óscar

Para mim o aniversário da nossa Casa é o caminho do meu futuro. Se não fosse a Obra da Rua, seria um «Zé Ninguém»! Há dezoito anos, e desde os dois, que é o meu berço. Foi aqui que realizei o que sou, desde a formação à profissão.

Quim

No dia quatro de Janeiro fez trinta e sete anos que nasceu a Casa do Gaiato de Lisboa. Muitos anos de trabalho, de luta e de cansaças!

É uma Obra maravilhosa, onde se salvam muitos Rapazes da lama, da Rua. Os desprezados da sociedade encontram, aqui, o amparo e a compreensão de que são dignos todos os homens.

Há anos surpreendi alguns rapazes a falar uns com os outros e um deles dizia que, se não viesse para a nossa Obra, hoje seria um miserável, cheio de vícios, sem amparo nem carinho de ninguém — sem futuro.

Helena

Estou feliz por Deus me ter chamado a colaborar na continuação da Obra da Rua.

Conceição

Servir, acolher e amar! Amar cada um dos pequeninos! Ser mãe daqueles que não a têm...

Maria José

A Obra da Rua é inspirada por Deus para aqueles que se esforçam por compreender o sentido da vida.

Belmira

SETÚBAL

Cont. da 1.ª pág.
joelhos a agradecer. De coração quente!

Quinhentos escudos de Algueirão todos os meses; Al-mancil, Palmela; do Nuno, de Brejos de Azeitão, da Virgínia, da Póvoa de Sto. Adrião, do João Carlos, do Salvador Ricardo, da Maria Odete, da Maria Helena, da Amadora, do Seixal; e, da Maria Elvira, uma gota de água. Noémia, Jacinto. Cem escudos do Pinhal Novo e 150\$ da Carmina. Mil escudos da Parede, da Teresa Loureiro, no Tribunal de Setúbal, do José Joaquim, dum grupo neo-catecumenal, de uma velhinha à porta do Lar, de um trabalhador da Secil, da vizinha, da D. Celina, de uma senhora muito modesta; dos Serviços Médico-Sociais alguém que diz vir atrasado. Da sogra do sr. Benjamim, de Alcochete, do Montijo, entregue no Lar, de um grupo de Catequese de S. Sebastião. Das costureiras da Quinta do Anjo, Cabanas e Palmela; Celeste e José Pedro com roupas; por um vendedor em Palmela, correspondendo ao meu apelo; de Castanhos, do Zé e da Ermelinda, por alma de Ernesto e de Virgínia; pessoas que me ouviram, Lagos com mais cinco mil. De Sesimbra, na minha mão, da amiga

surda que muito nos quer; da Helena, de Almada, e na caixa do correio; Lucília e num casamento a Padre Carlos.

A avó de Sintra marcou presença com cinco mil, o mesmo nos entregaram no Lar, de Palmela; em cheque, de Lisboa; de Cardigos, Francelina, Carmen, Ramalinho, casal amigo fornecedor dos rebuçados para o escritório do Santana e do Isidoro; de Portimão, V. N. de Famalicão, Lisboa, António Manuel; de Ferreira do Zêzere, da Póvoa do Valado, Setúbal ao Padre Carlos por duas vezes e o mesmo da lavadeira da nossa roupa.

Dez mil, em vale, da Caparica; de Lisboa, de Encarnação, do António Carlos, do Porto, de Cascais, mais de Lisboa, Amadora, Seixal, do sr. Fernandes, de um médico amigo, de um antigo gaiato que já no Verão nos entregara vinte mil, da Sãozinha, de duas comunidades religiosas cada uma com dez mil.

Dois contos de Maria Tereza, Domingos Neves, num baptizado ao Padre Carlos. De Almada, do Garrido, senhoras de costura no Lar, duas vezes; de Maria Elvira e Custódia Viegas, de Mira de Aire com muitos agasalhos angariados nas fábricas daquela Vila, da Amora, da TI Poeta, de Lagos, das Funcioná-

rias da Farmácia dos C. T. T., de Setúbal, várias pessoas; Graciete, Quinta do Anjo, Manuel Coimbra, Helena, Campos Baptista, um antigo gaiato, Tita, Jesuína e da Quarteira.

Vinte mil escudos de Lisboa para os irmãos que me batem à porta; do Porto, o assinante n.º 20 que a seguir mandou 200 kg de belíssima massa. São devoções enraizadas em Pai Américo. Do Monte da Caparica, de Betilde, de Cebolais de Cima, da Paróquia da Anunciada, de Maria Antónia de Lisboa e da Cova da Piedade.

Cinquenta contos de alguém que trabalha e estuda à noite; dos irmãos de S. Francisco Pai dos Pobres; de um grande amigo de longa data; do assinante 17.380 e de outro amigo que há anos repete a mesma dádiva.

Um primeiro salário, com muita amizade: 20.700\$00. Um casal que nos levou um menino deixou também vinte mil escudos.

Uma amiga que sente a voz de Deus a chamá-la para dar a sua vida à Obra: cem contos. O mesmo de um casal de Aveiro, de outro de Lisboa que me ouviu no Algarve, e da Baixa da Banheira para distribuir por quem não tem pão. Temos aviado o recado. Não é difícil nos tempos de hoje. Vinte e cinco de um casal de médicos cujo laboratório está sempre aberto para nós. Mais vinte e cinco de Aida Cabrita. Cem dólares de Lucília. Quinze contos em memória do marido, uma viúva que se alegra de ver a sua referência no jornal. De Évora, oito contos. De Silves, dois e meio. Empregados do B. N. U., de Setúbal, 1.390\$00. Funcionários da Administração R. de Saúde, de Setúbal, 9.570\$ mais 1.290\$00. Economias de uma dona de casa: seis mil. Operários da Portucel, 57.150\$. Paróquia do Seixal, em peregrinação natalícia a nossa Casa, trouxe 50.150\$ mais 27.050\$00 de assinaturas. Das senhoras da Quinta do Anjo, 7.500\$00. Grupo de Amigos da SAPEC, 18.126\$00 e uma bicicleta para o Gil.

Da Paróquia de Águas de Moura, 18.190\$00; do Poceirão, 4.000\$00. Paróquia da Arrentela, 32.800\$00 mais 2.500\$00 de assinaturas. Um amigo sempre pronto, 12.000\$00. Trabalhadores da Secil, 15.642\$50. Trabalhadores do Centro Regional de S. Social, 17.735\$00. Capela da Quinta das Torres, 76.312\$. Mais 1.500\$00 de três lados e 3.000\$00 de três fontes. Alunos e Professores do Externato Diocesano de Setúbal, 31.300\$. Trabalhadores da Junta Autónoma do Porto, 5.312\$50. Uma dona de Casa foi ao armazém de mercearia e aviou. Escondendo-se, mandou cá o carro do armazém. Foram trinta e tal contos de géneros. Nós costumamos comprar a maior parte nas fábricas, evitando os

intermediários e fazendo render o dinheiro. Foi uma ideia feliz! O cuidado e a sabedoria das compras evidenciava senso e amor!

De Reguengos de Monsaraz 3.050\$00 mais 5.300\$00 de assi-

naturas. Pela Mãe Irene, 5.000\$ mais 500\$00. Bolos, mimos e roupas.

Pelos Teus dons Senhor, a minha vida que tão pouco vale!

Padre Acílio

ASSOCIAÇÕES DOS ANTIGOS GAIATOS

CENTRO

No passado dia 6 de Janeiro realizou-se na Casa do Gaiato, em Miranda do Corvo, o primeiro Encontro dos Antigos Gaiatos desta Casa, exactamente na véspera do 45.º aniversário da fundação da Obra da Rua — da primeira Casa do Gaiato, em Miranda do Corvo — a 7 de Janeiro de 1940. Tudo conforme o previsto e planeado pela Comissão Promotora da Associação dos Antigos Gaiatos do Centro do País, cujo programa O GAIATO anunciara em 5/1/85.

Apesar do imenso frio e porque a época não era convidativa a deslocarções, ainda se juntou meia centena de antigos Gaiatos e respectivas famílias, vindos de toda a parte, desde Cascais a Viana do Castelo. Alguns emanciparam-se há mais de vinte ou trinta anos e puderam, agora, matar saudades de tudo e de todos — que não haviam tornado a ver — na sua e nossa Casa do Gaiato de Miranda do Corvo. Por isso, o Encontro constituiu uma manifestação de unidade familiar — que une todos quantos passaram, algum dia, por esta nossa grande Família.

Foi um proveitoso Encontro de trabalho! A agenda, um tanto sobrecarregada, incluía a discussão do projecto de Estatutos e a eleição dos órgãos sociais da Associação para o biénio 85-87. Foram os pontos principais do nosso trabalho, se bem que o ponto mais alto tenha sido a celebração da Eucaristia por intenção dos superiores e colegas falecidos, à qual presidiu o nosso Bispo, Senhor D. João Alves. Depois, houve a partilha dos farnéis; não faltando o bom vinho da Casa, as deliciosas azeitonas, as sempre lembradas broinhas de Natal, cozidas, de propósito, para os mais saudosos delas. A refeição decorreu em clima de grande fraternidade e alegria — calor humano que superou a gélida temperatura atmosférica!

Neste primeiro Encontro foi aprovado, por unanimidade, o projecto de Estatutos da nossa Associação, que contribuirá para a uniformidade dos vários projectos existentes que deverão fundir-se num único Estatuto, formalizável juridicamente. Elegemos, ainda, para o próximo biénio, os órgãos sociais da Associação: Assembleia Geral: Manuel Estêvão, Carlos Manuel Trindade e Luís Ferreira (Miranda do Corvo);

Conselho Executivo: Manuel Machado, José Martins de Carvalho, João Hingá, Manuel Veiga e Francisco José Henriques (Coimbra); Conselho Fiscal: José Crisanto, João Martelo e António Jorge Gonçalves (Figueira da Foz).

Fixou-se, ainda, a quota mínima dos associados: 250\$ por ano. E marcou-se o segundo Encontro para 9 de Junho, data mais conveniente para a maioria dos presentes — que será um encontro de Convívio, com uma agenda muito mais suave. As eleições são válidas por dois anos e os Estatutos até à aprovação dum possível proposta de alteração.

Aqui fica este relato para informação dos que, por razões várias, não puderam estar presentes, bem como dos amigos leitores que gostam de acompanhar a nossa vida.

O espírito de Pai Américo pairou sobre os seus filhos mais velhos. A Igreja, que Pai Américo serviu nos mais pobres e abandonados, esteve dignamente representada pelo Pastor diocesano. O Amor fraterno uniu todos nos abraços que trocámos mutuamente. Um dia grande para todos nós, para esta Comunidade e para a Obra da Rua! Um feliz Aniversário!

Como nota final, apenas queremos lançar um convite-apelo para que não faltes ao segundo Encontro, a realizar a 9 de Junho próximo. Programa a tua vida, pois será bom que todos participem na Associação, agora a dar os primeiros passos, a preparar-se activamente para participar em cheio no Centenário do nascimento de Pai Américo.

Carlos Manuel Trindade

NORTE

No próximo dia 16 de Fevereiro, às 15 h, no Lar do Gaiato, à Rua D. João IV, 682, Porto, reunirá a Assembleia Geral da nossa Associação, a fim de procedermos à eleição dos órgãos sociais: Mesa da Assembleia Geral, Conselho Executivo e Conselho Fiscal.

Contamos com a participação de todos os antigos Gaiatos residentes na região Norte do País. Não podemos ficar indiferentes! Organiza a tua vida e marca presença.

Um abraço para todos.

Lourenço Martins

AQUI LISBOA!

Cont. da 1.ª pág.

me-lhes no espírito o natural desprezo pela virtude. Os bons, para eles, são os maus. Se há um perverso, é o melhor de todos. É obra muito difícil colocar as coisas no seu lugar».

Quem se admirará que uma criança de tenra idade, com milhares de escudos nas mãos ou alvo de ofertas variadas — como rádios, pilhas, relógios, guloseimas, etc. — se sinta tentada a fazer disparates? E que vendo outras crianças com os mais variados objectos nas mãos, ao sabor dos tempos e das modas, oferecidos a todas as esquinas, se veja compelida a gastar verbas volumosas à custa do produto da venda do jornal ou de donativos que lhes são depositados nas mãos? Não são as solicitações actuais muito maiores do que há cerca de dez ou vinte anos atrás?

Outra grave ocasião de despiste — porque não dizê-lo lealmente? — é representada pelas «sociedades» de dentro, alimentada por hábitos contraídos e com pressões à mistura. Quando damos conta já as coisas assumiram, por vezes, graus elevados, com perturbações sérias no contexto educacional.

Ponderados, pois, os prós e os contras, lamentamos ter de anunciar o próximo fim da venda avulsa de O GAIATO em Lis-

boa. Antes queremos sacrificar o material aos valores morais, certos que Deus providenciará. Há que ter coragem. Truncar os objectivos procurados, de dentro e de fora, e renovar hábitos pouco salutares, não se pode aceitar. Os nossos Amigos, meditando as palavras acima transcritas, compreenderão a nossa decisão e a amargura que sentimos ao tomá-la. Educar, porém, não é fácil e não se compadece com meras atitudes sentimentais.

Repetindo o conselho anteriormente registado, aliás há anos muitas vezes enunciado, por escrito e oralmente, em privado e publicamente, pedimos aos nossos Amigos que se façam assinantes de O GAIATO. A assinatura, sem preço, no caso dos leitores da área desta Casa, deverá ser dirigida para o Tojal, em vale, cheque ou carta registada, ou entregue nas direcções já conhecidas da Capital (Lar do Gaiato, Franco Gravador, Maison Louvre ou Montepio Geral). É que, sendo o «Famoso» propriedade da Obra da Rua — de que esta Casa é parte — será a maneira de não sermos afectados seriamente, uma vez que todas as Casas são economicamente independentes e, assim, poderemos beneficiar dum bem que também é nosso.

Padre Luiz

Ao mudar de ano nós conseguimos pôr as nossas contas em dia.

— Como? Como é possível com tantas crianças e tantas bocas e tantos corpos?

O não sabermos como — é a nossa certeza. A confiança é a moeda válida na nossa vida. Confiamos em Deus, nos homens e em nós. Procuramos não andar a apregoar a crise só com palavras. As crises resolvem-se com acções. Mais compromisso. Mais trabalho. Mais partilha de bens. Os que ganham muito procurem ganhar menos para que os outros ganhem mais. Os bens repartidos chegam para todos. Uns que têm pouca família ganham dez e vinte vezes mais do que aqueles que têm muita é pecado que brada aos céus. Os ordenados dos homens mais responsáveis podem ser escândalo para os outros homens com ordenados de fome.

Procuramos que a nossa esperança continue a estar no Nome do Senhor que fez o Céu e a Terra e ilumina todos os homens de boa vontade.

Das prendas de Natal — uma das que mais nos encantou foi a dos Militares da Região Centro: 50.690\$00. Outra, a dos netos do Avô Patrício, de Mação: 6.000\$00. Mais outra: a presença e lembranças de muitos Rapazes que aqui foram criados.

Os cheques de Coimbra; os envelopes na pasta da Maria Teresa e os embrulhos entregues na Casa do Castelo; um sacerdote com cinquenta, outro com quarenta, outro com cinco,

mais outro com cinco, outro a pagar a minha despesa, outro e mais outro com mil, três mil pelas mãos de outro; dois cheques de Amigo de Loures; as senhoras de Miranda do Corvo trazem sempre muitos mimos na sua presença semanal; senhora de Unhais da Serra; família de Leiria com o seu Natal de há muitos anos.

Cheque de médico, de Leiria; Mãe agradecida da mesma terra; Vales de Condeixa; Amigo da Lousã; vales de Lisboa; cheques de Pereira do Campo; vale de Arganil; os mimos das Irmãs de Trancoso; vale da Cruz Quebrada; os vales e cheques e cartas da Covilhã; presenças do Porto; visitantes de Tomar e cartas pelos pequenos vendedores; a Figueira da Foz apareceu várias vezes; os amiguinhos de Febres também vieram.

Amigo de Brasfemes; Amiga de Queluz; Amigos de Amadora; Amigos de Odivelas; vale de S. João da Madeira; cheque de Olivais Sul; cheque de Medelim; cheques de Amigos de Lisboa; 5.720\$00 na Eucaristia do Movimento de Educadores Católicos; cheque de duas firmas; o Natal com muitas lembranças dos alunos do Colégio S. Teotónio; cheques e vales do Luso; vale de Torres Novas; vale de Gouveia; cheques de Cantanhede; lembranças pelos vendedores de Anadia; cheques de Pombal; vale dos alunos da Escola de Proença-a-Nova; presenças de Figueiró dos Vinhos; a lembrança de Natal do Secretariado das Agências Funerárias de Coimbra.

Vale da Comissão de Festas de Maiorca; a Amiga da Pereira; dinheiro e pastéis de Cabaços; presenças de Castelo Branco; o Amigo de Cebolais; as Amigas de Castanheira de Pera; a Amiga da Guarda; dez marcos de emigrante; conterrâneo do Alentejo; Amigo de Portimão; Amigas de Nisa; Casal do Avelar; Confraria da Rainha Santa; Fábrica de curtumes; casal amigo, de Canas de Senhorim; a Amiga de Vilar Formoso; Amigo de Ferreira do Zêzere; Amiga de S. Romão; carta de Fala; Empregados bancários; e muitos outros. Uma multidão de anónimos de mãos dadas ao encontro dos Outros. Bendigamos ao Senhor. Demos graças a Deus!

Padre Horácio

O nosso Jornal

Cont. da 1.ª pág.

ocupamos e o quiseram mitigar com os seus auxílios, quero dar esta boa notícia, a melhor de todas: Uma vicentina pôs-se ao dispor deles para os assistir, para lhes ser, ela, o seu bordão de apoio.

O Mundo sempre não está tão mau quanto alguns o pintam!

● «Todos os dias, ao deitar, lembro a Deus o Padre Américo e todos os que abraçaram o caminho por ele iniciado.»

Eis uma outra nota frequente no intercâmbio com os nossos leitores; um outro valor muito precioso a explicar o prodígio do nosso dia-a-dia.

O GALATO é um lugar de Fé. Ele é grande instrumento desta comunicação de Vida que nos solidariza com multidões de quem lembramos ao Senhor as intenções recomendadas e motiva tantos para a oração pelas nossas necessidades. Que as de natureza material não são as únicas nem, de modo algum, as principais.

Os pais de família medem pelas suas as nossas aflições e compreendem-nos bem. Por isso tantas cartas recebemos de Amigos, muitos que nunca vimos, com os seus desabafos, com as suas preces, pedidas e oferecidas. É, sem dúvida, esta uma das nossas maiores riquezas. Nós acreditamos na «Comunhão dos Santos!»

Só pelo papel que tem nesta circulação vital, bem merece o nosso jornal o cognome de Famoso.

E uma vez mais esta recomendação aos assinantes, mormente à legião de novos que tem crescido a «Família de fora», como dizemos em nossa gíria. A melhor maneira de nos fazerem chegar qualquer retribuição pelo jornal, a mais económica de tempo e de franquia, é: ou cheque dirigido a Casa do Gaiato, ou simplesmente a O GAIATO, com o recorte

É longa, hoje, a nossa procissão! E tão rica de dons e de amor!

Começa assim: «Envio esta importância (30.000\$00) para os grandes heróis da Autoconstrução. Ontem fui a uma festa dum centro de dia. Tudo bem. Mas deu-me a ideia de que as pessoas não conhecem Cristo. Fez falta uma palavra do Senhor quando distribuíam as prendas». Foi a nossa Amiga assinante 12895. Ela sabe que «a Palavra de Deus é viva, é realizadora: ela penetra até onde se dividem a vida do corpo e a do espírito, as articulações e as medulas» — como afirma S. Paulo.

Vem uma Maria, de Portimão, com cinco mil, que diz: «A vossa vida é um sim sem ambiguidade ao apelo do Senhor». Pois fique sabendo que muitas vezes com muitas faltas de omissão. Pobres caminhantes que tropeçam. Mas o importante não é o caminhar bem. É o tentar sempre.

O Manuel, de Vila do Conde: «Há muito tempo para vos mandar alguma coisa, mas só agora chegou a hora» de enviar para «algumas telhas dos vossos telhados».

Antes de aquecer os corpos, o calor das telhas aquece os corações. Ilumina o nosso supérfluo. E nós vemos-lhe a nova face, onde vemos a necessidade dos irmãos. Coberta de flocos de neve chegou, agora, a Ilda, da Covilhã, com algumas telhas. E, logo após, um jeep, enfeitado de flores, do Maxial. Desculpem a fraqueza — foi neste jeep que, há 30 anos, aprendi a guiar! A D. Maria Antónia trocou-o por telhas e foi só estender a manta por cima duma família. Lindo!

Entretanto, chega M. A. com dez mil e: «Mais uma vez a vossa badalada acordou a minha consciência e o meu coração. Muito pouco para o que a Autoconstrução necessita e oxalá seja uma gota de água que, junta a muitas outras, faça rio». Um rio com salgueiros para colocarmos as nossas harpas de esperança, meu senhor!

«25.000\$00 para mais uns telhados nas casinhas, pois o Senhor me deu para eu poder fazer algum bem» — da assi-

nante 26878. Venha também na nossa procissão D. Leonor Fração, pois colocámos os cem mil em dois telhados. O assinante 33030 com 2.000\$00: «Este dinheiro é fruto das gorjetas que me deram no meu trabalho». Vários amigos, no Espelho da Moda — Porto. Adélia, de Queluz, 22.500\$. Dr. Romeu, 15.000\$. Ana Velez, cinquenta para uns tijolos. Assinantes: 25276, 32897, 31685, 14945, 12313, 29181, 17812, 22956, presentes nesta procissão. Maria, de Algueirão, com cinquenta mil para «um Autoconstrutor que esteja mais necessitado».

E o Carlos Aníbal: «Aceitem o meu modesto contributo para aqueles que precisam de uma casa para se abrigar e aquecer... Bem hajam e força com esta iniciativa... É assim que se constrói a Casa da Eternidade...».

Mais 20.000\$00 para a Casa louvado seja nosso Senhor Jesus Cristo. A Noémia, de Faro, com algumas telhas.

Não cabemos mais na procissão de hoje! Sairemos, de novo, no próximo número. Mas, alto lá!, vem ainda o assinante 32800 com bandeira erguida, sino que ressoa esta sua carta:

«Estas migalhinhas — 50.000\$ — para a compra de algumas telhas para cobrir o tecto de um heróico Autoconstrutor por quem tenho grande simpatia e admiração. Bom seria que todos os portugueses tivessem um tecto a que chamassem seu, mas isso é uma utopia! Na minha aldeia ninguém paga renda de casa. Toda a gente possui a sua, mercê duma política de habitação seguida pela Junta de Freguesia de Atel, digna de todos os louvores, que penso ser inédita no País. A Junta oferece terreno para construir, a toda a gente que o solicite, sejam naturais da mesma ou não. É vulgar ver um moço ou moça solteiros já com a sua casa feita ou em construção, mercê dessa política de grande alcance social, seguida pela autarquia daquela freguesia do concelho de Mondim de Basto. Onde antes eram penhascos e terreno inacessível, florescem hoje lindas casinhas com os cogumelos em tempo de chuvas. Seria um regalo aos olhos de Pai Américo, se pudesse presenciar esse lindo espectáculo!»

Acredito, bom Amigo; mas eu próprio irei ver para dar a novidade e dizer aos portugueses que é possível fazer de zonas de sombra belas encostas de sol!

Padre Carlos

Padre Telmo



Director: Padre Telmo Chefe de Redacção: Júlio Mendes
 Redacção e Administ.: Casa do Gaiato - PAÇO DE SOUSA 4560 Penafiel - Tel. 952285
 Comp. e impressão: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato - Paço de Sousa - 4560 Penafiel

Tiragem média por edição no mês de Janeiro: 54.950 exemplares.

Ano Internacional da Juventude

Como é do conhecimento de todos, 1985 é o Ano Internacional da Juventude.

Não faltarão manifestações comemorativas subordinadas a este tema. Resta saber: em prol de quem?

Nós, jovens, gostamos de inovações, mas não deixamos de ter apreço por aquilo que já está feito; nem ninguém aceita promessas que de antemão sabe serem vãs. Queremos descobrir o nosso papel real na sociedade — o papel que forjam para nós. Abertos às correntes de opinião, não deixamos que elas influenciem o nosso carácter, porque possuidores já de uma personalidade — embora ainda não totalmente enraizada. Estamos na idade das contradições, sobretudo, àquilo que ultrapassa os limites da razão. Muitos esquecem a educação cristã que tiveram e outros desconhecem-na simplesmente. Há que fazer um alerta a todos. Aliás, os Secretariados da Juventude não se poupam a esforços nesse sentido.

Foi assim que se organizou a Jornada da Paz — que teve lugar no Instituto de Justiça e Paz, no passado dia 5 de Janeiro — na qual participaram cerca de 500 jovens da Diocese de Coimbra, presidida pelo nosso Bispo, sr. D. João Alves,

que nos falou da Paz e do Desenvolvimento.

O almoço foi compartilhado, havendo nada de ninguém, mas tudo de todos.

É de notar a abertura de espírito dos presentes, sobretudo quando se falou da Paz, em que as diferentes opiniões e conceitos de Paz coincidiam num ponto: uma muda crítica à mediocridade das intenções da sociedade que só julga a Paz pela inexistência de conflitos armados, não descobrindo a subjectividade tão complexa desta palavra tão simples.

Da Casa do Gaiato de Miranda do Corvo estivemos presentes 6, na Jornada que terminou na Sé Nova com a entrega de uma mensagem de Paz, após a Eucaristia, e a qual foi comunicada em todas as paróquias da Diocese por um dos jovens presente no Encontro.

É tempo de alertar o Mundo para a Paz, para a verdadeira Paz que não distingue cores ou raças e muito menos estatutos sociais. Está na mão dos jovens tornar isso uma realidade, criticando e auto-criticando-se por aquilo que está mal e que necessita urgentemente de mudança; e só há mudança quando ela começa por nós mesmos.

Chiquito-Zé